

ARTEIROS DO COTIDIANO: UMA ANÁLISE A RESPEITO DA EDUCAÇÃO EM MEIO AO DIGITAL

ANA BEATRIZ REINOSO ROSSE¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²;

¹ Universidade Federal de Pelotas – anabeatrizreinoso25@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Arteiros do Cotidiano, criado em 2010 pela professora Cláudia Brandão, é um projeto de extensão vinculado às disciplinas de Artes Visuais na Educação II e III, do curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, onde é abordado, principalmente, metodologias para o ensino das Artes Visuais na educação básica. A princípio, o projeto vinha atuando como uma conexão entre os acadêmicos e os alunos de 5º ano de escolas do município de Pelotas, com o intuito de motivar estudantes do ensino fundamental a expressarem e representarem ideias críticas, conceitos, emoções e sensações por meio de poéticas individuais e coletivas.

Todavia, em vista da realidade pandêmica mundial, declarada em 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o Arteiros se deparou com a necessidade de adaptações, passando assim não mais atuar presencialmente, mas de maneira remota, e não mais com alunos do 5º ano, mas sim com professores e futuros professores através de cursos de formação continuada.

De tal modo, o presente artigo tem como proposta discorrer sobre os feitos do projeto de extensão, no segundo semestre de 2021 e no primeiro semestre de 2022, expor as análises geradas a partir das observações das aulas teste dos alunos da disciplina AVNE II, no ano de 2022, e ponderar os atos da pandemia e a atuação da tecnologia na educação, na aprendizagem dos alunos e na didática dos docentes.

Para tanto utilizaremos dos pensamentos de Byung-Chul Han (2018) e Gérard Vincent et al (1992), acerca do digital e da superabundância de informação em nossa sociedade; e de Paulo Freire (2001, 2002) acerca da educação e do educador.

2. METODOLOGIA

Em sua primeira edição totalmente online e a distância, no ano de 2021, o Arteiros do Cotidiano realizou, em conjunto com os alunos da disciplina AVNE III, seu primeiro curso de formação continuada, este, tendo como público-alvo professores e estudantes de artes e com o intuito de aprofundar discussões sobre o ensino das artes visuais na educação básica, em processos de EaD, possibilitando a ampliação dos repertórios visuais e das referências artísticas dos participantes.

O curso de formação continuada intitulado “Tessituras Identitárias em Latino-américa”, que você pode saber mais acessando (<https://wp.ufpel.edu.br/arteiros-docotidiano/formacao-continuada/>), teve como tema as diversas formas e produções artísticas realizadas na América Latina.

Através do desenvolvimento de atividades formativas em artes visuais, pautadas em diferentes metodologias para a abordagem de um mesmo tema, foi pro-

posto o exercício de diferentes linguagens artísticas. Perpassando desde a modelagem do barro como abjeto de manifestação identitária até o hip hop como maneira de conscientizar, educar e instruir; o curso propôs aos participantes uma oportunidade de refletir acerca das identidades latino-americanas, analisando estratégias pedagógicas que possibilitem aos estudantes desenvolverem um olhar mais crítico sobre o cotidiano e suas produções artísticas.

Realizado cem por cento online, o curso dispõe de encontros assíncronos, executados pela plataforma Google Classroom, e síncronos efetuados através da plataforma Zoom, os quais se encontram disponíveis na página do Youtube do projeto ou pelo link (<https://www.youtube.com/playlist?list=PL7OWBULTAfZ0G-YRU-V6kGjXwLYAUnpsW>).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em sua segunda edição totalmente online e a distância, o Arteiros do Cotidiano vem mais uma vez como meio de levar educação de qualidade a todos. Assim como os participantes do ano de 2021, os alunos da disciplina AVNE II, lecionada no primeiro semestre no ano de 2022, se dividiram em pequenos grupos, cada qual com um tema, para o planejamento e desenvolvimento de uma aula, gravada via videoconferência e posteriormente compartilhada com o restante da turma, para uma análise coletiva.

Nesta etapa foram notadas algumas constantes, tais como a dificuldade com a qual os alunos tiveram com a tecnologia ao respeito da educação e a hesitação com a qual alguns lidavam com as ferramentas tecnológicas e como colocá-las em prática. Em uma sociedade onde tudo cada vez mais é automatizado, digitalizado e tecnologizado é de se pensar que já estaríamos acostumados com tais ferramentas e como utilizá-las proveitosamente no ambiente educacional, porém, não é bem assim que se observa na prática.

Hoje temos algo que seria quase impossível a cinquenta anos atrás, acesso à plurais informações literalmente na palma de nossas mãos a todo instante e em qualquer lugar. Assim, o problema da contemporaneidade dá-se pelo excesso de informações não pela falta dela.

Esse “enxame” de informações e de imagens é intrínseco a nossa sociedade contemporânea de tal maneira que é impossível negar suas presenças em nosso dia a dia, como dispõe Gérard Vincent no fragmento.

A sociedade contemporânea, mais do que todas as anteriores, é icônica. Num único dia, a criança de hoje vê centenas e milhares de imagens: cartazes no metrô ou nas ruas, histórias em quadrinhos, livros escolares profusamente ilustrados, de vez em quando cinema, televisão todas as noites. O imaginário já não funciona a partir de enunciados transmitidos oralmente ou por escrito, mas a partir da torrente – a metáfora não é excessiva - de imagens despejadas pelos meios de comunicação [...]

Com essas imagens com que nos empanzinam, corre-se o risco de criar uma ilusão de objetividade. Ora, a imagem não é neutra: todos os artifícios do enquadramento foram elaborados por Degas; os fotógrafos e os cineastas subjetivaram a apresentação icônica. E a montagem, isto é, a sucessão de imagens numa determinada ordem, dá sentido a essa cronologia visual. (VINCENT et al, 1992)

Constantemente somos bombardeados por milhares de informações e imagens de tal maneira que nos tornamos passivos a elas, caímos na “ilusão de objetividade” e somos manipulados não mais pela falta de informação, mas sim, pelo

excesso dessa. Considerando essa premissa, faz-se fundamental saber observar e analisar as peculiaridades e a pluralidade de sentidos existentes nessas mensagens e linguagens que nos cercam.

Somos a todo momento receptores dessas mensagens e podemos até sermos consumidores ativos, podemos produzir e comunicar tais mensagens ativamente, porém quando chega o nosso momento de sermos emissores de não apenas mensagens, mas sim conhecimento didático fundamentado, encontramos uma grande dificuldade.

Deve-se lembrar e atentar que passar conhecimentos difere de educar, o papel do educador não deve ser de mais um transmissor de conhecimentos, mas sim de alguém que se posiciona como um mediador de diversas linguagens e perspectivas educativas sempre estabelecendo relações dialógicas de ensino e aprendizagem; assim, ao passo que ensina, o professor também aprende. Deste modo, professor e estudante aprendem juntos, em um encontro democrático e afetivo, em que todos podem se expressar, como coloca Paulo Freire.

Com a pandemia veio não somente as crises sanitárias e públicas-sociais, mas também as crises privadas e mentais. Com o distanciamento social veio a aproximação digital, nós levamos o spot para o que tínhamos de mais privado, a nossa casa.

A comunicação digital desconstrói a distância de modo generalizado. A desconstrução da distância espacial acompanha a erosão da distância mental. A medialidade [Medialität] do digital é nociva ao respeito. É justamente a técnica do isolamento e da separação, como em Adyton, que gera a veneração e a admiração. A falta de distância leva a que o privado e o público se misturem. A comunicação digital fornece essa exposição pornográfica da intimidade e da esfera privada. Também as redes sociais se mostram como espaços de exposição do privado. A mídia digital como tal privatiza a comunicação, ao deslocar a produção de informação do público para o privado. Roland Barthes define a esfera privada como “aquela esfera de espaço, de tempo onde eu não sou uma imagem, um objeto”. Visto desse modo, não teríamos mais hoje qualquer esfera privada, pois não há, agora, nenhuma esfera em que eu não seria uma imagem, em que não haveria nenhuma câmera. (HAN, 2018)

Essa falta de distância que leva o privado e o público se misturarem, foi ainda mais agravada durante a pandemia, onde abrimos as câmeras de nossos computadores, ou “abrimos as portas” de nossas casas, para realização de vídeos chamadas, fazendo assim que nos tornamos não mais seres humanos, mas ícones e nomes em uma tela. Para os professores esse problema foi ainda mais agravado, muitos não estando acostumados com o modelo tiveram que se “jogar de cabeça” para suprir uma necessidade urgente. De tal modo, não mais apenas as redes sociais que expõem nossos espaços do privado, mas também a esfera acadêmica.

4. CONCLUSÕES

O modelo vigente de educação continua sendo o mesmo desde a Revolução Industrial, esse se apresenta como um modelo defasado e que se mostrou durante a pandemia não estar preparado para a tecnologia e para os alunos que lidam com essa.

Devemos pegar esse modelo vigente de educação e mudá-lo e adaptá-lo para o mais próximo da realidade dos alunos, devemos capacitar professores, já na graduação, para tal realidade. Isto é algo que o Arteiros do Cotidiano tem feito durante esses anos a modalidade remota, propondo capacitações de profissionais



da educação formados ou em formação. Entre tudo, ainda nos deparamos com casos em que a dificuldade e hesitação dos professores e futuros professores de lidar com as ferramentas tecnológicas e como colocá-las em prática se sobre sai.

Estamos tão acostumados com nosso automatismo, nistagmo e com o vício de apenas ver e repetir; e não de olhar, observar e melhorar, que temos uma plethora de dificuldades de simplesmente parar e contemplar o nosso dia a dia, a composição de nossa sociedade e maneiras de evoluí-la.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAN, B.C.: **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2018.

VINCENT, G.; PROST, A.; et al. **História da vida privada: Da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 5, 2^a ed, 1992.